

## FRANCISCA JÚLIA: A MUSA IMPASSÍVEL DO SÉCULO XIX?

Rebecca Silveira da Costa (UNILAB)<sup>1</sup>

Luana Antunes Costa (Orientadora – UNILAB)<sup>2</sup>

### Resumo

Este artigo pretende destacar a produção literária da escritora parnasiana Francisca Júlia (1871-1920) e o seu percurso como uma intelectual que ousou ao contrariar o padrão patriarcal presente no campo literário. Para tanto, a pesquisa busca estabelecer um diálogo com o conceito de “gênero”, apresentado pela historiadora Joan Scott (1995), e com o de “escrita feminina”, proposto pela pesquisadora Lucia Castello Branco (1991). Em seguida, serão analisadas as representações do feminino em três sonetos do livro *Mármore*s (1985), quais sejam, “Musa Impassível I”; “Musa Impassível II” e “Vênus”. Através do modo como a escritora constrói suas personagens protagonistas percebe-se o seu engajamento na tentativa de subverter e ressignificar a condição da mulher na literatura. Evidenciar a obra da Francisca Júlia é fazer despertar o engajamento de outras mulheres-escritoras, abrir espaços para que elas sejam reconhecidas e dar visibilidade a essas vozes. Assim, será possível reverter o cenário literário que há muito não condiz com a realidade e a literatura deixará de ter raça, classe e sexo dominantes.

**Palavras-chave:** Francisca Júlia. *Mármore*s. Autoria feminina. Mulher. Literatura Brasileira.

### Abstract

This article intends to highlight the literary production of the parnassian writer Francisca Júlia (1871-1920) and her career as an intellectual who dared to counter the patriarchal pattern present in the literary field. For this, the research seeks to establish a dialogue with the concept of "gender", presented by the historian Joan Scott (1995), and with the one of "feminine writing", proposed by researcher Lucia Castello Branco (1991). Then, the representations of the feminine will be analyzed in three sonnets of the book *Mármore*s (1985), that is, "Musa Impassível I"; "Musa Impassível II" and "Vênus". Through the way in which the writer constructs her protagonist characters notices her engagement in the attempt to subvert and re-significate the woman's condition in literature. To evidence of the work of Francisca Júlia is to awaken the engagement of other women writers, open spaces for them to be recognized and give visibility to these voices. Thus, it will be possible to reverse the literary scenario that has long been unrelated to reality and literature will no longer have dominant race, class, and sex.

**Keywords:** Francisca Júlia. *Mármore*s. Female authorship. Woman. Brazilian Literature.

### INTRODUÇÃO

---

<sup>1</sup>Licencianda do Curso de Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira e bolsista do PET Humanidades e Letras da Unilab – **E-mail:** rebeccasc@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutora em Letras e professora adjunta do Instituto de Linguagens e Literaturas da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – **Email:** luanaantunes@unilab.edu.br.

Os estudos de gênero, desde o século XX até os dias atuais, têm sido muito importantes para o avanço das Ciências Humanas e Sociais, porque possibilitaram, por meio de muitas reflexões e debates, mudanças importantes para as sociedades em contextos globais. Anteriormente ao século XX, o termo gênero fazia referência apenas às categorias masculino e feminino, respectivamente ao homem e à mulher. Mas desde 1935, no ocidente, com o trabalho pioneiro da antropóloga Margaret Mead, uma nova noção sobre gênero surgiu, quando ela propôs que o sexo é biológico mas o comportamento sexual é uma construção social (COSTA, 2011, p.06). Ou seja, sua teoria propõe que há diferença entre sexo e gênero. Na esteira do pensamento de Mead, Simone de Beauvoir afirmava, em 1949, no livro *O segundo sexo*, que “não se nasce mulher, torna-se mulher” (BEAUVOIR, 1980), incorporando ao termo gênero significados relacionados ao espaço político, sexual e cultural. Segundo Lia Machado, “Beauvoir pensava a categoria mulher e a questão da libertação da mulher, posta com algum grau de ambivalência: ser libertada das limitações sociais do seu sexo biológico e ser libertada da forma social pela qual este sexo se tornou inferior” (1997, p. X).

A categoria gênero passou, então, a ser muito empregada pela crítica feminista norte-americana e europeia, elaborada por mulheres brancas, que propuseram o estudo das mulheres como uma maneira de retirá-las da situação de invisibilidade ao analisar o papel do homem, de dominação, e o da mulher, de subordinação. É nesse sentido que Joan Scott define gênero como: “(1) um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) uma forma primária de dar significado às relações de poder” (1995, p. 86). O que Scott e outras estudiosas da crítica feminista buscavam era, segundo Joana Pedro (2005), combater o determinismo biológico e compreender as significações de gênero do passado, observando as relações entre homens e mulheres.

Essa revisão histórica do conceito de gênero é importante para compreender a busca pelo reconhecimento e pela valorização das mulheres na sociedade, visto que elas sempre precisaram lutar muito para conquistar a sua participação em todos os âmbitos sociais e políticos. É uma luta diária, sempre na tentativa de diminuir cada vez mais a desigualdade de gênero, a opressão e a invisibilidade que as mulheres sofreram e sofrem até hoje, no espaço doméstico, na política, no mercado de trabalho e também na literatura.

Nesse sentido, instigado pelo compromisso de trazer à tona vozes femininas que há muito foram silenciadas ao longo da história da literatura brasileira, este trabalho propõe, inicialmente, a partir de um diálogo com tais abordagens históricas do conceito de gênero, discutir a literatura de autoria feminina com foco no período oitocentista, momento marcado por uma produção literária majoritariamente masculina no Brasil, quando eclodiu a obra da escritora parnasiana Francisca Júlia (1871-1920). Em seguida, serão analisadas as representações do feminino em três sonetos do livro *Mármore* (1985): “Musa Impassível I”, “Musa Impassível II” e “Vênus”. Além disso, serão investigadas as características da própria Francisca Júlia, enquanto artista, na construção dos textos. Finalmente, este estudo pretende observar o cunho libertário dos textos da escritora e qual seria a sua suposta intenção ao publicar textos escritos por uma mulher, cujas figuras centrais são praticamente todas femininas.

## 1. LITERATURA DE AUTORIA FEMININA: PENSAMENTO E SUBVERSÃO

Como se sabe, há especificidades que marcam as experiências de vida e de opressões impingidas ao grupo heterogêneo comumente chamado por “mulheres”. Focando sobre estudos teóricos que lançam luz à situação histórica de mulheres não-negras e não-indígenas no Brasil, tomou-se conhecimento que essas, em uma sociedade racializada, foram coagidas a ocupar um papel inferior aos homens, de sua mesma classe e pertencimento racial, em muitos âmbitos sociais, sendo por muito tempo destinadas ao espaço privado do lar e a serem reprodutoras da espécie humana, como descreve Luiza Lobo

Primeiro tinham de obedecer ao pai, acatando a escolha do matrimônio que este fizesse; depois ao marido, que era seu amo, com o apoio da lei. Mas não parava por aí a escravidão feminina: a mulher ainda pertencia aos filhos, e não podia se abster dos trabalhos manuais e da casa, mesmo que gostasse de outras coisas. (2007, p. 24).

Essa visão patriarcal vigorou também na literatura, e vale lembrar que a produção literária brasileira foi e continua sendo, majoritariamente, de autoria masculina. Se as mulheres não usufruíram de prestígio social algum e se elas sempre foram apresentadas como submissas ao homem, pelo discurso hegemônico, seus escritos não poderiam ter qualquer atenção ou valor, apesar de muito merecerem. Logo, a sua participação como autora, na cena da circulação do livro, foi excluída, limitada e silenciada em muitos aspectos.

É preciso refletir acerca desse fato: as mulheres não tinham a habilidade da escrita? Ou não gostavam de escrever? Ou será que não podiam/deviam escrever? Ou ainda, será que elas escreviam, mas por esse não ser ofício de mulher, seus textos não eram publicados e reconhecidos como textos produzidos por mulheres? A última pergunta parece ser mais compreensível, porque é inaceitável afirmar que as mulheres desse período não escreviam, e que por isso não havia uma produção literária protagonizada por elas, pois, de fato, não se admitia, de forma igualitária, a circulação de seus textos.

Entre a segunda metade do século XIX e início do século XX, crescia um sentimento de inquietação em muitas mulheres que, cansadas de serem oprimidas e submissas pelo princípio patriarcal, que persiste até hoje, deram início àquilo que posteriormente veio a ser denominado de Movimento Feminista. Nesse mesmo período, enquanto a literatura produzida por mulheres já tinha força na Europa e nos Estados Unidos, no Brasil a produção literária ainda era essencialmente dominada por homens. Logo, a escrita literária de mulheres esteve sempre diante de grandes obstáculos quanto à sua inserção no cenário literário brasileiro. Contudo, foi justamente no século XIX que começaram a circular textos escritos por mulheres brasileiras, impulsionadas pelo movimento feminista que em muito contribuiu para o surgimento de um novo conceito, a literatura feminina feminina, com foco na mulher como autora, pois, conforme propõe Zahidé Muzart

[...] no século XIX, as mulheres que escreveram, que desejaram viver da pena, que desejaram ter uma profissão de escritoras, eram feministas, pois só o desejo de sair do fechamento doméstico já indicava uma cabeça pensante e um desejo de subversão. E eram ligadas à literatura. Então, na origem, a literatura feminina no Brasil esteve ligada sempre a um feminismo incipiente (MUZART, 2003, p. 267)

Nesse sentido, tal literatura é pautada em dar visibilidade às mulheres, cheia de características próprias dos universos das mulheres, a partir da chamada escrita feminina que possibilitou às autoras revelar a imagem que tem de si e do meio onde vive para o mundo e escrever sua própria história. Nesse sentido, “o corpo, em vez de ser olhado de fora, é expresso a partir de dentro” (MAGALHÃES, p. 31), por meio da escrita feminina que, segundo Lucia Castello Branco, corresponde a uma escrita que não é restrita exclusivamente à mulher, mas está intimamente relacionada a ela, como a própria pesquisadora esclarece

Quando me refiro à escrita feminina, não entendo feminino como sinônimo de relativo às mulheres, no sentido que a autoria de textos que revela esse tipo de escrita só possa ser atribuída às mulheres [...] Entretanto [...] estou admitindo algo *relativo às mulheres* ocorrendo por aí, embora esse *relativo às mulheres* não deva ser entendido como produzido por *mulheres* (CASTELLO BRANCO, 1991, p. 12) [os itálicos estão no original].

A literatura de autoria feminina é resultado de uma trajetória marcada por lutas de mulheres que resistiram ao patriarcado, ao machismo, ao silenciamento, à exclusão social e “envolve a conquista da identidade e da escrita” (TEIXEIRA,p.45). A esse respeito, Cunha esclarece que “(...) quem decide sobre a inclusão ou a exclusão de uma obra ou de um comportamento (...) sempre foi, numa estrutura regida pelas relações de poder, a classe dominante” (CUNHA, 2004,p.19). Tal classe manteve, e ainda mantém, os nomes e os livros de uma grande parcela de mulheres escritoras à margem do cânone.

O quadro abaixo faz parte de uma pesquisa quantitativa de Moíza Almeida (2012) que buscou investigar a participação da mulher escritora/poetisa nas literaturas brasileira e portuguesa. Ele mostra a participação de homens e mulheres em quatro antologias do século XXI, sendo as duas primeiras brasileiras e as outras duas portuguesas:

**Quadro 1 – Participação de homens e mulheres em quatro antologias do século XXI**

<b>ANTOLOGIA</b>	<b>Total</b>	<b>Homem</b>	<b>%</b>	<b>Mulher</b>	<b>%</b>
<i>Antologia das antologias</i> (GONÇALVES, 2004)	101	98	97,1	03	2,9
<i>Antologia comentada de Lit. Bras.: prosa e poesia</i> (GONÇALVES; AQUINO; BELLODI, 2006)	166	155	90,3 6	16	9,6
<i>Século de ouro</i> (SILVESTRE; SERRA, 2002)	145	139	86,6	06	13,3
<i>Antologia da poesia portuguesa do século XII ao século XXI</i> (REIS-SÁ; LAGE, 2009)	277	254	91,6	23	8,3
<b>Total</b>	<b>689</b>	<b>645</b>	<b>93,6</b>	<b>44</b>	<b>6,4</b>

**Fonte:** ALMEIDA, 2012, p. 41

O que interessa é refletir acerca das constatações de Almeida, pois os dados que ela apresenta evidenciam a invisibilidade da mulher-escritora em números alarmantes em pleno século XXI, de modo que

A maior participação de escritoras/mulheres foi encontrada na antologia portuguesa *Século de ouro: antologia crítica da poesia portuguesa do século XX* (Silvestre; Serra, 2002) com o percentual alcançado de 13,3% e a menor foi na antologia brasileira: *Antologia de antologias: 101 poetas "revisitados"* (Gonçalves, 2004), com 02,9% - acrescenta-se o fato de que nesta última, embora tenha sido publicada em 2004, das três poetisas citadas, duas nascidas no século XIX (Auta de Souza e **Francisca Júlia**) e apenas uma no início do século XX (Cecília Meireles). Uma diferença média de 93,6% em número de homens e um humilde 06,4% em número de mulheres (ALMEIDA, 2012, p. 42).<sup>3</sup>

Sendo assim, as antologias não refletem a real importância que a mulher exerceu na sociedade no século XIX, embora elas sejam fulcrais para mudar o cenário atual e dar o merecido reconhecimento à produção de tantas autoras. Por isso, é necessário falar da mulher que escreve e destacar os textos dessas mulheres-escritoras que se perderam ao longo do tempo, pois dar visibilidade às obras de autoria feminina é, antes de mais nada, um ato político de combate ao confinamento a que suas produções foram submetidas. Logo, o trabalho de investigação sobre essas obras torna-se relevante por trazer à tona produções literárias que jamais deveriam ter permanecido ocultas e por possibilitar que tantas vozes femininas reescrevam a história literária, desarticulando a visão canônica do nosso passado literário.

É nesse sentido que Constância Lima Duarte lança uma questão acerca dos escritos de muitas mulheres-escritoras oitocentistas que permaneceram guardados em gavetas por longos anos

A grande pergunta que se coloca é por que algumas escritoras, como Narcisa Amália, Nísia Floresta, Beatriz Francisca de Assis Brandão, Presciliana Duarte de Almeida, Ana Aurora Lisboa, Maria Amélia de Queiroz, Úrsula Garcia, Carmen Freire, Mariana Luz, **Francisca Júlia**, Júlia da Costa, Auta de Souza, Francisca Clotilde, para citar só algumas, já que a lista é enorme, não estão hoje em nossas histórias literárias, nem sua obra compilada nas antologias e manuais de literatura (DUARTE, 1995, p. 26).<sup>4</sup>

A escritora parnasiana Francisca Júlia, presente nos dados de Moíza Almeida e citada por Constância Duarte, conquistou, arduamente, a admiração de diversos poetas e críticos literários. No entanto, sua produção perdeu-se ao longo do tempo e pouco se fala a seu respeito. Por isso, torna-se importante recuperar, neste trabalho, aspectos da trajetória de vida da autora, em seu contexto histórico, tendo em vista que quando "(...)

---

<sup>3</sup>Grifo do autor

<sup>4</sup>Grifo do autor

nosso olhar se demora nas linhas de um manuscrito antigo, é sempre com um sentimento de melancolia e de saudade. De saudade, sim, ainda mesmo que essas linhas tenham sido traçadas por estranha e desconhecida mão” (FERREIRA, p. 09). É sob essa perspectiva que se pretende (re)descobrir os textos daquela que resistiu à tríade parnasiana<sup>5</sup> e tornou-se a mais fiel representante do parnasianismo no Brasil.

## 2. FRANCISCA JÚLIA - A PATRÍCIA NOSSA

Francisca Júlia nasceu no dia 31 de agosto de 1871, na cidade chamada atualmente de Eldorado, localizada no Estado de São Paulo. Sua produção literária percorreu os caminhos do Parnasianismo e do Simbolismo, no entanto, foi no Parnasianismo que ela se inseriu no universo literário e “em companhia de Júlia Lopes de Almeida, foi uma das precursoras da literatura feminina no Brasil” (CAMARGOS, 2007, p. 9). Conquistou o reconhecimento de fiel representante do Parnasianismo no Brasil, além do respeito e a admiração de importantes nomes da literatura do século XIX. Sua presença no âmbito literário oitocentista, foi, no entanto, rejeitada por muitos, visto que era um espaço onde a figura masculina predominava. A própria Francisca Júlia relata uma situação em que o escritor simbolista brasileiro José Severiano de Rezende falou com desdém de sua poesia ao afirmar que “[ele] dedicou-me algumas linhas pela imprensa, em que me aconselhava a que não escrevesse mais versos, e terminava assim, se não me falha a memória: ‘Minha senhora, há ocupações mais úteis: dedique-se aos trabalhos de agulha’” (SILVA, 1894 apud RAMOS, 1961, p. 6).

O fato de Francisca Júlia ter eclodido como autora na produção literária do século XIX ocasionou muita polêmica, pois, conforme esclarece Coelho,

Francisca Júlia assustava os líderes do intelectualismo brasileiro [...]. Como admitir, pois, a audácia da mulher que criava obras primas, conquistando, por isso mesmo, o título de maior expressão no parnasianismo? Combateram-na em vão. O bom senso reagiu. Vergonha, pretender anular os méritos de quem, na arte da forma, ombreava com Raimundo, com Alberto e com Bilac. [...] (CONSTANTINO, 1941, p. 2 apud COELHO 2010, p. 9).

Embora ela tenha conquistado a admiração da chamada tríade parnasiana, formada por Olavo Bilac, Alberto de Oliveira e Raimundo Correia, para muitos homens

---

<sup>5</sup> A tríade parnasiana é formada pelos escritores Olavo Bilac, Raimundo Correia e Alberto de Oliveira.

que dominavam o espaço literário era mais fácil acreditar que Francisca Júlia tratava-se de um pseudônimo de um autor do que reconhecer que “as poesias, tão cuidadosamente elaboradas, obedientes ao Parnasianismo, marcadas pela perfeição dos versos e pelo culto da forma, fossem de autoria feminina” (BORGES, 2017,p.3). Logo, sua produção marca a inserção da mulher na trajetória literária do Brasil e propõe uma reflexão acerca da condição de submissão em que se encontravam muitas mulheres-escritoras.

Apesar disso, a poetisa publicou quatro livros: *Mármore*s (1895), *Livro da Infância* (1899), *Esphinges* (1903) e, por último, em 1912, *Alma Infantil*. O primeiro, no entanto, foi o responsável por revelar sua reputação. Ele é composto por “quarenta e três peças, dispostas em um primeiro conjunto de dezoito sonetos, outro com sete poemas traduzidos (sendo três de Goethe e quatro de Heine) e uma terceira parte, intitulada “Balada”, composta de dezoito peças – sonetos e poemas de formas variadas” (MELO, 2013, p.3). A obra, embora rara fisicamente, está disponível para *download* no site da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin<sup>6</sup>, assim como outras obras da escritora. No extenso prólogo, João Ribeiro, um dos dos mais renomados críticos do seu tempo, evidencia, desde as primeiras linhas, o reconhecimento conquistado por Francisca Júlia, ao afirmar

Nunca pensei eu que me coubesse algum dia tarefa tão difficil e' tão ditosa ao mesmo tempo, qual a de prefaciar um livro como o da excelsa poetisa paulista cujo nome hoje é conhecido de todos os que se dedicam ao culto da litteratura neste paiz. (...) O nome da poetisa era aclamado; as suas producções, em manuscripto ainda quente das emoções do seu estro, crearam em torno de nós, como um vidro de perfume ao quebrar-se, uma atmospherá deliciosa de Arte e de Sentimento. (...) E todos nós inquiríamos se era verdadeiramente de mulher aquelle coração enérgico e possante, capaz de propellir o sangue de um milhão de artérias. Foi pois, principalmente nas paginas da Semana que a reputação de Francisca Julia se tornou durável, solida e indestructivel. E quando ella vinha todos os sabbados, com o fulgor e a pontualidade de um planeta, era logo cercada da admiração e do antigo applauso com que todos nós a recebíamos (RIBEIRO, 1895 apud SILVA, 1895, p. 8-12)

No trecho acima, João Ribeiro fala a respeito da difícil tarefa de prefaciar o livro *Mármore*s, de Francisca Júlia. Mas, para além dos elogios tecidos por ele à poetisa, é interessante observar também que ele demonstra o cenário patriarcal da época quanto à receptividade para com as produções de autoria feminina, no seguinte trecho: “todos nós

---

<sup>6</sup> A Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin é um órgão da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da Universidade de São Paulo (USP). Os livros da Francisca Júlia estão disponíveis no site <https://goo.gl/q9gKSi>.



inquiríamos se era verdadeiramente de mulher aquelle coração enérgico e possante, capaz de propellir o sangue de um milhão de artérias” (RIBEIRO, 1895 apud SILVA, 1895, p. 12).

A vida e a carreira da escritora foram interrompidas no dia 01 de novembro de 1920, com o seu falecimento, aos 49 anos de idade, um dia após a morte do seu marido, Filadelfo Edmundo. Embora não tenha deixado um grande volume de obras, suas produções tornaram-se relevantes para os estudos da literatura de autoria feminina e para compreender a inserção da mulher no cenário literário oitocentista. Além disso, as obras da Francisca Júlia, como *Mármores*, apresentam um certo engajamento da autora na tentativa de abrir espaços para que outras vozes femininas venham à tona.

Embora ela tenha conquistado arduamente o seu espaço na literatura do século XIX e sido muito importante para a inserção da mulher no cenário literário faz-se necessário destacar que, no bojo da discussão apresentada no item anterior a respeito da categoria mulher, que corresponde às várias possibilidades de ser mulher, a Francisca Júlia, ocupa uma posição privilegiada de mulher branca e a sua voz se reproduz a partir desse lugar de fala. Se para ela, que era considerada membro de um grupo social de prestígio por ser branca, foi difícil alcançar o universo do fazer literário, para outros grupos de mulheres, como as negras e indígenas, foi um trabalho ainda mais laborioso. É preciso reconhecer que essas mulheres partem de lugares diferentes e que o papel da literatura não é privilegiar ou excluir, é romper com essa lógica hegemônica.

### **3. ASPECTOS DO FEMININO EM SONETOS DE FRANCISCA JÚLIA**

A partir da leitura de *Mármores* foram selecionados três poemas com o intuito de analisar as representações do feminino. São eles: “Musa Impassível I”, soneto que dá início ao livro, “Vênus” e “Musa Impassível II”, este último encerra a obra. Importa esclarecer que, embora tenha-se optado por esse recorte de análise, ao longo da obra, outros sonetos também estão associados à figura da mulher e ao universo feminino, como “A florista”, “Estella”, “Laura”, “Rainha das águas” e “Aurora”.

Nos três sonetos escolhidos, observa-se que a escritora buscou construir representações do feminino desde o título e, para isso, fez uso dos termos “musa” e “vênus”, em referência às divindades da mitologia grega. Em “Musa Impassível I”, já na

primeira estrofe, a voz feminina do eu-lírico evoca a presença da musa, entidade clássica inspiradora do poeta, dotando-a de força e altivez, conforme esclarece Christina Ramalho

a invocação constitui, tradicionalmente, um recurso de efeito retórico relacionado a uma pretensa disparidade entre a dimensão do texto que vai ser escrito e o fôlego do poeta para realizá-lo. Assim, invocando a “musa”, registra o poeta seu pedido de inspiração, amparo, energia e clareza, para que o resultado seja adequado à matéria-épica enfocada (RAMALHO, p. 374)

Segundo o Dicionário Etimológico da Mitologia Grega<sup>7</sup>, o termo musa corresponde às “nove irmãs filhas de Mnemósine e de Zeus; trata-se de Clio, Euterpe, Talia, Melpômene, Terpsícore, Érato, Polímnia, Urânia e Calíope (...) São a fonte da inspiração poética e do conhecimento”. Assim, a invocação à musa nas produções poéticas é recorrente quando há na sua construção o resgate e a valorização da mitologia grega. Alguns dos exemplos clássicos de invocação das musas são: em *Odisséia*, “Dizei agora a mim, Musas que a olímpica morada tendes”<sup>8</sup> e em *Os Lusíadas*, “Musas, de engrandecer-se desejosas”<sup>9</sup>.

Como uma tendência do estilo parnasiano, a invocação também ocorre em “Musa Impassível I” e “Musa Impassível II” para que a poetisa, que dá voz ao eu-lírico, consiga criar a perfeita poesia. No entanto, ressalta-se que a musa construída por Francisca Júlia e evocada, no soneto, pelo eu-lírico, compreendido neste trabalho como feminino, em nada se assemelha às nove musas. Enquanto as filhas de Zeus são descritas e representadas, seja no texto escrito ou em imagens, como corpos femininos ora erotizados e sensuais, ora de aspecto sereno, delicado e sonhador, além de serem sempre belas, e capazes de conseguirem o que quisessem; a musa da poetisa parnasiana é impassível, não padece nem mesmo diante de um morto e não exprime emoção alguma, como é possível observar na primeira estrofe do soneto, a seguir

Musa! um gesto sequer de dor ou de sincero  
Luto jamais te afeie o cândido semblante!  
Diante de um Jó, conserva o mesmo orgulho; e diante  
De um morto, o mesmo olhar e sobreceño austero (SILVA, 1895,p.1)

<sup>7</sup> Dicionário Etimológico da Mitologia Grega Multilingue On Line (DEMGOL) Disponível em [ link [https://demgol.units.it/pdf/demgol\\_pt.pdf](https://demgol.units.it/pdf/demgol_pt.pdf) .]. Acesso em: 16/10/18

<sup>8</sup> HOMERO, *Ilíada*, II, 484

<sup>9</sup> CAMÕES, Luís Vaz de. Canto I, p. 3. Disponível em: <https://goo.gl/YjovtC>. Acesso em: 16/10/18

A impassibilidade é uma característica do Parnasianismo presente no texto poético de Francisca Júlia. Da mesma forma, é possível observar também, na estrofe seguinte, a exaltação da cultura clássica grega, quando a voz lírica utiliza como referência Dante e Homero, dois grandes poetas do mundo ocidental. Eis que ela deseja que sua musa seja a mesma que inspirou tais poetas, conforme verificamos nos dois últimos versos da segunda estrofe “Celebra ora um fantasma anguiforme de Dante, ora o vulto marcial de um guerreiro de Homero” (SILVA, 1895,p.1).

Se nas duas primeiras estrofes a voz lírica recorre à invocação da musa inspiradora, nas duas últimas, ela clama à musa para conseguir a poesia perfeita, descrevendo-a como harmônica, limpa e viva:

Dá-me o hemistíquio d'ouro, a imagem atrativa;  
A rima, cujo som, de uma harmonia crebra,  
Cante aos ouvidos d'alma; a estrofe limpa e viva;

Versos que lembrem, com seus bárbaros ruídos,  
Ora o áspero rumor de um calhau que se quebra,  
Ora o surdo rumor de mármore partidos (SILVA, 1895, p. 2).

Essas mesmas características aparecem no soneto “Musa Impassível II”, que encerra a obra *Mármore*s. A musa continua impassível, imperturbável, alheia a emoções, ao cotidiano, assim descrita nos primeiros dois versos “Ó Musa, cujo olhar de pedra, que não chora, Gela o sorriso ao lábio e as lágrimas estanca!” (SILVA, 1895, p. 99).

Enquanto no soneto I, a voz lírica evoca a musa para lhe servir de inspiração, neste, sendo uma continuação do I, no entanto, ela pede a musa que leve-a com ela em busca da “liberdade franca” para onde “o impassível mora”, para um espaço onde a dor, o sofrimento, o padecimento não impere

Dá-me que eu vá contigo, em liberdade franca,  
Por esse grande espaço onde o impassível mora.

Leva-me longe, ó Musa impassível e branca!  
Longe, acima do mundo, imensidade em fora,  
Onde, chamas lançando ao cortejo da aurora,  
O áureo plaustro do sol nas nuvens solavanca (SILVA, 1895, p. 99)

Não foi em vão que Francisca Júlia escolheu “Musa Impassível I” para iniciar o livro *Mármore*s, que se tornou sua obra mais importante. Primeiro, a poetisa, através da voz lírica feminina, evoca a presença da musa, mas ao fechar a obra, com “Musa

Impassível II”, é possível inferir que a musa, na verdade, parece ter percorrido toda a trajetória da obra e o que, o eu-lírico feminino, deseja agora é ir além:

Transporta-me de vez, numa ascensão ardente,  
À deliciosa paz dos Olímpicos-Lares  
Onde os deuses pagãos vivem eternamente,

E onde, num longo olhar, eu possa ver contigo  
Passarem, através das brumas seculares,  
Os Poetas e os Heróis do grande mundo antigo (SILVA, 1895, p.100).

Considerando o contexto social em que tais sonetos foram escritos, infere-se que a Francisca Júlia se coloca duplamente nos sonetos, enquanto autora, que não se abala e que deseja a liberdade das palavras e da escrita, mesmo diante daqueles que duvidam da veracidade das suas obras e enquanto protagonista, subvertendo o cânone e colocando-se na posição de mulher que escreve sobre mulheres impassíveis.

Em “Vênus”, assim como nos dois sonetos anteriores, Francisca Júlia também faz referência a uma divindade da mitologia grega, Afrodite<sup>10</sup>, deusa do amor e da beleza. A imagem da Vênus aparece em várias produções literárias e artísticas, como na obra *O Nascimento de Vênus* (1484), de Sandro Botticelli<sup>11</sup>, uma das obras de arte mais admiradas até hoje. A pintura “mostra uma mulher nua, delicada e graciosa, sobre uma concha, sendo levada para a praia pelos deuses do vento com uma chuva de rosas” (SILVEIRA, 2008, p. 5). Para Fabrício Aguiar “Os traços delicados e finos, olhar distante e melancólico, estática, as mãos escondem os seios e a genital feminina, mostra-se pudica e reforça a concepção de beleza clássica” (AGUIAR, 2011, p. 4). Assim como nas artes plásticas, na literatura a imagem da Vênus também foi muito recorrente. Ela aparece, por exemplo, em *Ilíada*<sup>12</sup>, de Homero, onde é descrita como uma mulher de grande beleza física e poder de sedução.

No entanto, a Vênus proposta por Francisca Júlia é muito diferente dessas consagradas pelo imaginário ocidental. Enquanto a outra é vista como uma flor, essa é uma fortaleza. A poetisa a descreve como se estivesse diante de uma escultura perfeita,

---

<sup>10</sup> “Vênus ou Afrodite é conhecida como a deusa da beleza e do amor. Na mitologia é a filha de Urano (Céu). Há duas versões sobre o nascimento biológico desta deusa. Na versão de Homero, Afrodite nasce de modo convencional, como sendo filha de Zeus e Dione, ninfa do mar. Já na versão de Hesíodo, ela nasce em consequência e um ato bárbaro. Cronos cortou os órgãos de seu pai Urano e os atirou no mar. Uma espuma branca surgiu em torno deles e misturando-se ao mar, gerou Afrodite” (SILVEIRA, 2008, p. 5)

<sup>11</sup> Botticelli (1445-1510) foi um dos pintores mais reconhecido do Renascimento.

<sup>12</sup> Poema épico sobre a guerra de Tróia.

uma figura feminina impassível, firme, destemida, grandiosa, características reforçadas pelo uso de adjetivos como “hercúlea”, formosa”, “severa”, “olhos de pedra”

Branca e hercúlea, de pé, num bloco de Carrara,  
Que lhe serve de trono, a formosa escultura,  
Vênus, túmido o colo, em severa postura,  
Com seus olhos de pedra o mundo inteiro encara (SILVA, 1895, p.15)

Ao longo de todo o soneto as palavras parecem ter sido escolhidas de modo a enaltecer a figura da mulher através da Vênus. A voz lírica, observa sua beleza rara desde a face à cintura, diante da grandiosa deusa posta à sua frente

Um sopro, um quê ele vida o gênio lhe insuflara;  
E impassível, de pé, mostra em toda a brancura,  
Desde as linhas da face ao talhe da cintura,  
A majestade real de uma beleza rara.

Vendo-a nessa postura e nesse nobre entono  
De Minerva marcial que pelo gládio arranca,  
Julgo vê-la descer lentamente do trono,

E, na mesma atitude a que a insolência a obriga,  
Postar-se à minha frente, impassível e branca,  
Na régia perfeição da formosura antiga (SILVA, 1895).

É interessante observar que agora o olhar sobre essa deusa não é mais masculino, mas sim feminino. Veja que a construção dessa figura feminina, que Francisca Júlia propõe, assim como aquelas dos sonetos *musas I e II*, é distinta e inovadora porque até então a imagem da mulher era construída como “protótipo da representação visual da feminilidade ou da sensualidade” (SILVEIRA, p.1), pelo masculino, e que “a mulher foi tão somente um objeto de desejo, uma boneca insuflável com a qual o artista pôde fazer tudo o que desejava. (NÉRET 2000. p. 10 apud SILVEIRA, 2008, p. 2). O que a Francisca Júlia faz, nos poemas aqui analisados, é subverter essa representação, apresentando em seus sonetos não aquelas características tipicamente empregadas a personagens femininas, mas, sim o feminino a partir da visão de uma mulher. Logo, a construção de figuras femininas em protagonismo não é mera coincidência nas suas obras.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esta pesquisa objetivou, inicialmente, destacar o importante trabalho da escritora brasileira Francisca Júlia. Esta, enquanto escritora, não se deixou abalar pela opressão do período oitocentista e ousou ao conquistar seu espaço no cenário literário da época. Para isso, foi necessário refletir acerca das questões de gênero que permeiam a chamada literatura de autoria feminina e tecer alguns esclarecimentos a respeito dessa produção literária. Por fim, foram analisadas o que se considerou ser as representações do feminino em três dos principais sonetos que compõe a obra *Mármore*, primeira a ser publicada por Francisca Júlia.

Infelizmente a obra *Mármore* teve apenas uma edição e hoje é raro encontrá-la fisicamente. O difícil acesso às obras da poetisa reforça o seu esquecimento, pois são pouquíssimos os estudiosos que se detém a estudá-la ou, quando estudam, tratam apenas dos aspectos marcadamente parnasiano de sua obra. No entanto, a produção literária de Francisca Júlia ultrapassa os limites do parnasianismo. Ela ecoa questões sociais, sendo de alta relevância para o campo de estudos literários no Brasil, logo precisa ser pesquisada e divulgada, para que todos tomem conhecimento de vozes que, como a sua, precisam ser legitimadas a partir da democratização do fazer literário.

Atualmente, após um longo percurso de luta pelo seu espaço no cenário literário, a mulher deixou de ocupar a posição de objeto para ser sujeito, conquistando, em certa medida, o seu espaço na arte literária e subvertendo a tradição patriarcal opressora. Nesse sentido, a literatura de autoria feminina surge com o objetivo de trazer outros olhares, agora de mulheres-escritoras, propagando a importância de ler e estudar mulheres. Esse movimento está muito presente atualmente, especialmente nas mídias sociais que são espaços mais acessíveis, e não pode ser enfraquecido. O Projeto Leia Mulheres<sup>13</sup>, por exemplo, foi idealizado em 2015, por Juliana Gomes, Juliana Leuenroth e Michelle Henriques, inspirado pelo movimento #readwomen2014 (#leiamulheres2014), proposto pela escritora Joanna Walsh, e tem o objetivo de promover a leitura de livros de mulheres e discutir sobre elas, valorizando, assim, o trabalho dessas escritoras. Segundo Juliana Gomes, esse empoderamento de mulheres é importante visto que “Mulheres escrevem sobre tudo e em todos os gêneros. E dar visibilidade para mulheres autoras

---

<sup>13</sup> O Projeto Leia Mulheres está disponível no site <https://leiamulheres.com.br/> .

também incentiva outras mulheres a encontrar sua voz literária. E mesmo que não queira ser publicada, é importante para a mulher ser dona de sua narrativa”<sup>14</sup>.

Esse e tantos outros movimentos/coletivos de mulheres escritoras são referências de combate ao anonimato e à submissão às lógicas patriarcais do mercado editorial que anda de mãos dadas com o machismo da nossa sociedade. Finalmente, evidenciar obra de Francisca Júlia é fazer despertar o engajamento de outras mulheres-escritoras e reverter um cenário literário que há muito não condiz com a realidade. Por isso, é preciso seguir o mesmo caminho que a poetisa nos sugere: abrir espaços para que outras mulheres-escritoras sejam reconhecidas e dar visibilidade a essas vozes. Só através do resgate dessas mulheres e suas produções silenciadas e esquecidas e da valorização de novas protagonistas é que a literatura deixará de ter raça, classe e sexo dominantes.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Fabrício César de. A REPRESENTAÇÃO DA DEUSA VÊNUS NAS EPOPÉIAS ENEIDA, DE VIRGÍLIO, EM OS LUSÍADAS, DE CAMÕES, E NA PINTURA DE BOTTICELLI – LEITURAS INTERTEXTUAIS. VII EPCC – **Encontro Internacional de Produção Científica Cesumar CESUMAR** – Centro Universitário de Maringá Editora CESUMAR Maringá – Paraná - Brasil. Disponível em <https://goo.gl/fhKaw8>. Acesso em: 29/09/2018.

ALMEIDA, Moíza. “**Das teorias à experiência: alteração nas vozes do feminino em poetisas contemporâneas**”. Rio de Janeiro, 2012. 173p. Tese de doutorado - Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**, v.I, II. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BORGES, Jaqueline Ferreira. A LITERATURA DE FRANCISCA JÚLIA: QUESTÕES DE AUTORIA FEMININA. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress** (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017, ISSN 2179-510X.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994.

BRANCO, Lúcia Castello. **O que é escrita feminina**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

CAMARGOS, Márcia. **Musa Impassível: a poetisa Francisca Júlia no cinzel de Victor Brecheret**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

---

<sup>14</sup> Leuenroth, Juliana. Leia Mulheres: literatura e valorização feminina. Disponível em <https://goo.gl/YvkveP>.

COELHO, Gisely Valentim Vaz. A revisão do papel feminino na educação e cultura dos anos 1930 e 1940: um estudo de caso do vespertino paulistano A Gazeta. In: **CONGRESSO DE HISTÓRIA DA MÍDIA DO SUDESTE**, 1., 2010.

COSTA, Jussara Carneiro. APONTAMENTOS PARA UMA DISCUSSÃO SOBRE GÊNERO, SEXUALIDADE E DIREITOS SEXUAIS E REPRODUTIVOS. **III Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais – Olhares diversos sobre a diferença** - João Pessoa – PB, 2011. Disponível em: <https://goo.gl/ctpQgM>. Acesso em 29/09/2018

DA SILVA, Marcelo Medeiros. Poesia e resistência no Brasil: o caso das poetisas oitocentistas. **Revista Artemis**, Edição V.14, ago-dez, 2012. pp. 44-53.

DUARTE, Constância Lima. “Estudos de mulher e literatura: história e cânone literário”. In: XAVIER, Elódia (org.). Anais do **VI Seminário Nacional Mulher e Literatura**. UFRJ, 1995, pp. 21-33.

FERREIRA, Luzilá Gonçalves. (1991). **Em busca de Thargélia: poesia escrita por mulheres em Pernambuco no segundo Oitocentismo (1870-1920)**. Tomo I. Recife: FUNDARPE.

Livros da Francisca Júlia disponíveis em: <https://goo.gl/aikp9B>. Acesso em: 05/10/2018.

LOBO, Luiza. **Crítica sem juízo**. Rio de Janeiro: RJ: Editora Garamond, 2007

MACHADO, Lia Zanotta. Gênero, um novo paradigma? **Cadernos Pagu**, n.11, p. 107-125, 1998. Disponível em: <https://goo.gl/usz5vc>. Acesso em: 05/10/2018.

MAGALHÃES, Isabel Allegro de. O sexo dos textos: traços da ficção narrativa de autoria feminina. In: **O sexo dos textos e outras leituras**. Lisboa: Editorial Caminho, 1995, p. 15-54.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Feminismo e literatura ou quando a mulher começou a falar. In: MOREIRA, Maria Eunice (org.). **História da Literatura, teorias, temas e autores**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003.

PEDRO, Joana Maria. **Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica**. História, São Paulo, v.24, n.1,2005.

RAMALHO, Christina. SOBRE A INVOCAÇÃO ÉPICA. **Cadernos de Letras da UFF - Dossiê: Dossiê: Língua em uso no 47**, p. 373-391. Disponível em: <https://goo.gl/q9ymwu>. Acesso em: 05/10/2018.

RAMOS, Péricles Eugênio da Silva (org.). **Poesias de Francisca Júlia**. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1961.

RIBEIRO, João. Prefácio. In: SILVA, Francisca Júlia. **Mármores**, Rio de Janeiro: Horacio Belfort Sabino, 1895.



SILVA, Francisca Júlia da. **Mármore**. São Paulo: Horácio Belford Sabino, 1985.

SILVEIRA, Isabel Orestes. A IMAGEM DA MULHER NA PINTURA EUROPÉIA: INTERFACE COM A MITOLOGIA. **XI Congresso Internacional da ABRALIC Tessituras, Interações, Convergências**. 13 a 17 de julho de 2008 USP – São Paulo, Brasil.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma Categoria Útil de Análise Histórica. Educação e Realidade**. 20 (2), p.71-99, 1995. Disponível em: <https://goo.gl/MAvHu2>. Acesso em: 05/10/2018.

PAIXÃO, Sylvia. (1991). **A repressão do desejo na poesia feminina: a fala-a-menos**. **Rio de Janeiro**: Numen.